

# Abatedouro sobre um caminhão

■ CARMEM ZIEBELL

Disponibilizado para comercialização em maio, um equipamento criado pela Embrapa Suínos e Aves, de Concórdia (SC), em parceria com a Engmaq Máquinas e Equipamentos, de Peritiba (SC), com apoio da Cidasc e Fapesc, pode viabilizar os abates de animais em pequena escala e fomentar economias regionais, permitindo que carnes e derivados produzidos em um município possam ser comercializados no mesmo território.

O abatedouro móvel de suínos já lançado é o primeiro de uma série que terá, no futuro, dois similares, sendo um para aves e coelhos e outro para pescados. Trata-se de uma estrutura com todos os equipamentos necessários ao abate inspecionado, instalada na carroceria de um semirreboque, que atende a todos os padrões de controle sanitário e pode se deslocar para diferentes municípios. A capacidade de abate é estimada em 80 suínos por dia em sete horas de operação, com o emprego de mão de obra de sete pessoas.

O fabricante pode construir o abatedouro móvel de acordo com as características estabelecidas por usuários como consórcios de produtores, municípios, comunidades e cooperativas, entre outros, a custos que variam de R\$ 500 mil a R\$ 3 milhões. A operação exige também uma estrutura fixa, composta por arcos de desinfecção, vestiários, pocilgas, estação de tratamento de

efluentes, composteira, água potável e energia elétrica.

Segundo a Embrapa, o abatedouro móvel pode se tornar uma alternativa para iniciativas que não se viabilizam em decorrência da pequena escala de produção, que não remunera o transporte por longas distâncias e o valor investido para o abate e processamento sob inspeção – municipal, estadual ou federal – em estruturas fixas, executadas em concreto e alvenaria.

Órgãos sanitários da Bahia e Santa Catarina já validaram o abatedouro móvel. Gaúchos também se interessaram. Representantes da Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e Comercialização de Biocombustíveis do Brasil Ltda (Cooperbio), com sede em Seberi, estiveram em Concórdia para conhecer o projeto para possível implantação na região de abrangência da cooperativa.

“É opção para abates de pequena escala, para diminuir o custo com investimento nas instalações iniciais e para dar segurança alimentar aos produtos ofertados ao consumidor. Também para melhorar o controle sanitário dos rebanhos via serviço de inspeção, bem-estar animal e reduzir os abates clandestinos”, diz o técnico Idair Piccinin, do setor de Articulação e Implantação de Tecnologias da Embrapa Suínos e Aves.

O técnico destaca que o móvel permite que a cada dia seja feito abate em um município diferente. Assim a unidade não fi-



ca parada, o custo do abatedouro é diluído entre vários usuários e aumenta o movimento econômico dos próprios municípios. Além disso, todos os abates serão inspecionados, e as notas fiscais de procedência e destinação emitidas.

O presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (ACSURS), Valdecir Folador, entende que esse projeto vem para atender principalmente às pequenas agroindústrias, que hoje trabalham muito com embutidos, e pode ser uma forma de evitar o abate clandestino. Destaca que pode ser interessante para quem quer atuar no abate de suínos e na fabricação de embutidos, dependendo do investimento necessário e de sua duração.

Bruna Camila Franceschi, técnica da Cooperbio, que foi a Santa Catarina conhecer o abatedouro móvel, junto com o vice-presidente da cooperativa, Ivanor Johann, acredita que o projeto vai ao encontro da linha de atuação da cooperativa, que de modo geral, é a diversificação da produção nas pequenas propriedades rurais. Nesse contexto, o equipamento seria uma alternativa de industrialização dos animais criados pelos associados. “Esta tecnologia é interessante, pois viabiliza sua utilização em mais de um local, reduzindo custos”, comenta. Bruna diz que a cooperativa, que tem mais de 3 mil associados, todos pequenos proprietários rurais, está estudando a possibilidade de adquirir um abatedouro móvel.

DIVULGAÇÃO / ENGMAQ / CP



Equipamento móvel pode fomentar a atividade de empreendimentos que não têm escala para manter instalações fixas

COORDENAÇÃO ■ Elder Ogliari | rural@correiodopovo.com.br; EDIÇÃO ■ Elder Ogliari e Danton Júnior;  
REPORTAGEM ■ Cíntia Marchi e Carmem Ziebell  
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO ■ Claudia Judá; REVISÃO ■ Elácia Herold

## Campereada

Paulo Mendes | pmendes@correiodopovo.com.br



### A fazendeira (Parte 2)

Os dias de outono se escoam lentos, preguiçosos como o gato Ananias, enrodilhado a seus pés. Agora, depois do almoço, a fazendeira está sentada numa cadeira de vime, na varanda, mirando seus horizontes. Lê “Morte em Veneza”, que lhe traz recordações. Após terminar com Toninho Almada, passou por Porto Alegre e, um mês depois, voou para o Rio de Janeiro. Foi na entrada de um cinema em Copacabana que conheceu James, um inglês em férias. Era maduro e gentil, e comprou seu ingresso. Mais tarde, foram jantar no Lamas, no Largo do Machado. Ele estava hospedado num hotel nas redondezas.

James dirigia os negócios de uma empresa britânica em São Paulo. A história deles começou nessa noite do cinema e se estendeu para o hotel, depois para praias do Nordeste e, na sequência, para uma viagem à Europa. Era jovem e ambiciosa. Foi brindando com champagne numa gôndola de Veneza que ganhou o primeiro grande presente: um apartamento em Roma. Depois, em Florença, apreciando um vinho, ele assinou um cheque, ao mesmo tempo que lhe entregava uma caixinha com um lindo colar e um par de brincos de ouro. Nessa altura, ela já sabia que ele era casado e estava obtendo dividendos com a descoberta.

Antes de voltar, quis visitar Lisboa e a cidade do Porto. Na capital portuguesa ouviram fados, passearam pela Alfama e degustaram comidas típicas nas tascas. No Porto, curtiram as sangrias nos bares da “Beira” do rio Douro. Admirando a cidade da outra margem, ao lado das caves de Vila Nova de Gaia, ela decidiu voltar. Já não era mais aquela guria pobre. Com os presentes que recebera para o casamento não realizado com Toninho Almada, mais os mimos de sua relação com James, poderia se tornar uma fazendeira. Sonhava olhar para vastos campos verdejantes e dizer que era seu. De fato. Ter dinheiro e poder, ser respeitada. Fazer o que quisesse sem que ninguém falasse nada.

O inglês esperneou, ameaçou. Mas ela tinha um trunfo, se ele a importunasse, ela o denunciaria à Polícia, pois sabia de seus negócios escusos. Então voltou e comprou sua primeira propriedade, uma estranha fazenda nas Missões. Era um área grande, com boas pastagens e aguadas, mas havia uma aura de mistério em torno dela, de fantasmas e de assombrações. Então a adquiriu à vista e por bom preço. Vieram novas aventuras e acontecimentos incríveis. “Ah, Ananias, tu tinhas que estar comigo naquela época”, falou para o gato. O olhar de Ananias não transmitia interesse nem desprezo. Apenas desdém.

(Continua)

ARTE DE VIVIANE SCHAACK SOBRE FOTO DE PAULO MENDES



## Cotações & Mercado

Dados do 8º levantamento de safra da Conab

BRASIL Produção (em mil toneladas)			RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)		
Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15	Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15
Arroz	12.121,6	12.399,5	Arroz	8.112,9	8.440,5
Feijão	3.453,8	3.414,1	Feijão	102,9	90,0
Milho	80.052,0	78.594,7	Milho	5.717,0	6.116,5
Soja	86.120,8	95.070,2	Soja	12.867,7	14.688,3
Trigo	5.971,1	7.045,0	Trigo	1.516,2	2.699,4

  

Área (em mil hectares)			Área (em mil hectares)		
Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15	Produto	Safra 2013/14	Safra 2014/15
Arroz	2.372,9	2.330,9	Arroz	1.120,1	1.125,4
Feijão	3.365,9	3.130,8	Feijão	65,9	55,8
Milho	15.829,2	15.207,3	Milho	1.031,2	941,0
Soja	30.173,1	31.573,0	Soja	4.939,6	5.216,0
Trigo	2.758,0	2.612,0	Trigo	1.140,0	1.026,0

### Preços ao produtor (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	32,00	34,68	37,00
Feijão	saco 60 kg	80,00	128,33	180,00
Milho	saco 60 kg	20,00	22,63	27,50
Soja	saco 60 kg	56,50	59,34	63,00
Sorgo	saco 60 kg	17,20	18,75	20,30
Trigo	saco 60 kg	25,00	29,22	33,45
Boi gordo	kg vivo *	4,80	4,96	5,30
Vaca gorda	kg vivo *	4,40	4,53	4,60
Suíno	kg vivo	2,80	3,15	3,60
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	4,00	4,57	5,20
Leite	litro	0,70	0,82	0,91

Semana de 01/6/2015 a 05/6/2015 | \* Prazos de 20 ou 30 dias



CARLOS QUEIROZ / CP MEMÓRIA